

Políticas Públicas na Educação Brasileira

Caminhos para a Inclusão

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: caminhos para a inclusão /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
273 p. : 2.547 kbytes – (Políticas Públicas na Educação
Brasileira; v. 5)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-78-3
DOI 10.22533/at.ed.783182203

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. I. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

CULTURA SURDA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Fernando Rodrigues Tavares e Polliana Barboza da Silva..... 6

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RESGATE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA OS DEFICIENTES AUDITIVOS

Daniele Gruska Benevides Prata, José Kasio Barbosa da Silva, Marcos Andrade Alves dos Santos, José Rafael Moura Silva, Luis Gustavo Guerreiro Moreira e Juliana Brito Cavalcante 16

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE RECIFE – PE

Anderson Felipe Pereira da Silva, Elyza Matutynna de Queiroz Santos, Luiz Ferreira de Oliveira Junior, Maria Elena da Cruz e José Dayvid Ferreira da Silva 29

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO ESPECIAL SOB O PRISMA DA LEGALIDADE: CAMINHOS NORMATIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos, Ana Paula Soares Loureiro Rodrigues e Layanna de Almeida Gomes Bastos 37

CAPÍTULO V

A UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS MANIPULÁVEIS PARA INTRODUÇÃO DO NÚMERO PI A ALUNOS SURDOS E OUVINTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Anyla Laise Santos, Monalisa Silva Melo, Karolina Lima dos Santos Araújo e José Jefferson da Silva 51

CAPÍTULO VI

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS COMO MÉTODOS MEDIADORES E FACILITADORES NO ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS

Andrezza Damasceno de Macêdo, Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo, Amanda Damasceno de Macêdo, Ana'mélia Damasceno de Macêdo, Cintia Valéria da Conceição, Juliana da Silva Pereira e Lourhan Oliveira Chaves..... 59

CAPÍTULO VII

BRINQUEDOTECA, BRINCAR PARA INCLUIR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pollyana Souto da Silva, Pedro Thiago Chagas de Souza, Bruna Caroline Pessoa Guimarães e Tânia Maria de Oliveira Nery..... 70

CAPÍTULO VIII

DESAFIOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOAS AUTISTAS

Luanna Raquel Gomes Macedo, Tatiana Cristina Vasconcelos, Joselito Santos, Aline Oliveira Costa, Fernanda Caroline Pereira Silva e Nathalia Rodrigues Araújo.....81

CAPÍTULO IX

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Blenda Carine Dantas de Medeiros e Thiago Matias de Sousa Araújo.....94

CAPÍTULO X

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A CONCEPÇÃO VYGOTSKYANA DA MEDIAÇÃO

Wuallison Firmino dos Santos, Vanessa Lays Oliveira dos Santos e Marcus Bessa de Menezes..... 105

CAPÍTULO XI

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA ANÁLISE PROFISSIONAL E CURRICULAR

Renan Belém da Silva, Osias Raimundo da Silva Junior, Carlos Augusto Batista Sena, Vyctor Mateus de Melo Alves da Silva e Rebeka Rayane Araujo de Lima..... 115

CAPÍTULO XII

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO GRUPO AGITAÇÃO RIO PRETO: ANÁLISE DA ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES PROPÍCIOS AO LAZER E À EDUCAÇÃO

Maria Fernanda Sanchez Maturana, Vagner Sérgio Custódio, Vanessa Cristina Sossai Camilo e Fátima Elisabeth Denari..... 124

CAPÍTULO XIII

INCLUSÃO DE ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO SUPERIOR É POSSÍVEL

Sônia Helena Costa Galvão de Lima e Edileine Vieira Machado..... 134

CAPÍTULO XIV

INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR

Patrícia Teixeira de Matos e Raimunda Auríliia Ferreira de Sousa..... 146

CAPÍTULO XV

INCLUSÃO ESCOLAR DE DEFICIENTES FÍSICOS: ESTUDO DE CASO DE PESSOAS COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA.

Núbia Xavier da Silva, Carla Estefani Batista, Oberdan José Teixeira Chaves e Agerdânio Andrade de Souza 159

CAPÍTULO XVI

INCLUSÃO ESCOLAR: ESTUDO REALIZADO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE OLINDA/PE

Márcia Rejane Almeida de Carvalho ,..... 174

CAPÍTULO XVII

MIELOMENINGOCELE E HIDROCEFALIA NA ESCOLA: ROMPENDO COM OS NERVOS DAS LIMITAÇÕES EDUCACIONAIS

Katheley Wesllayny da Silva Santos..... 191

CAPÍTULO XVIII

OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Keilla Rebeka Simões de Oliveira e Sandra Patrícia Ataíde Ferreira 204

CAPÍTULO XIX

POLÍTICAS DE INCLUSÃO E EVASÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRIVADA: INCLUSÃO, PARA QUEM?

Andreia Gomes da Cruz 216

CAPÍTULO XX

PROJETO DE INTERVENÇÃO: “A INCLUSÃO COMEÇA POR VOCÊ!”

Amanda Pereira Soares Lima e Carla Montefusco de Oliveira..... 231

CAPÍTULO XXI

REFLETINDO A AVALIAÇÃO E (RE)PENSANDO MODELOS ALTERNATIVOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS

Déborah Kallyne Santos da Silva, Veralucia de Lima Silva, Marly Santos da Silva, Cristiane do Nascimento Martins e Adriana de Andrade Gaião e Barbosa..... 242

CAPÍTULO XXII

TECENDO RELAÇÕES ENTRE LETRAMENTO DIGITAL E INCLUSÃO SOCIAL

Luciana Velloso..... 251

Sobre os autores.....262

CAPÍTULO XV

INCLUSÃO ESCOLAR DE DEFICIENTES FÍSICOS: ESTUDO DE CASO DE PESSOAS COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA

**Núbia Xavier da Silva
Carla Estefani Batista
Oberdan José Teixeira Chaves
Agerdânio Andrade de Souza**

INCLUSÃO ESCOLAR DE DEFICIENTES FÍSICOS: ESTUDO DE CASO DE PESSOAS COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA.

Núbia Xavier da Silva

Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual, Macapá/AP.

Carla Estefani Batista

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/Universidade Estadual do Amazonas (INPA/UEA), Amazonas/AM

Oberdan José Teixeira Chaves

Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual, Macapá/AP.

Agerdânio Andrade de Souza

Instituto Federal do Amapá, Macapá/AP.

RESUMO: As limitações motoras de deficientes físicos decorrente da osteogênese imperfeita, doença crônica rara, caracterizada por fraturas frequentes dos ossos muitas vezes espontâneas, comprometendo a mobilidade e a autonomia das pessoas, não podem ser um empecilho para o pleno desenvolvimento de capacidade de aprendizagem. Para Silva (2006), a escola não pode mais conceber que o medo pelo desconhecimento em não saber lidar com alunos deficientes físicos seja um discurso da contemporaneidade, isso é uma concepção ultrapassada e inaceitável, principalmente porque existem os dispositivos legais para garantir que estas pessoas tenham acesso à educação de qualidade. Além disso, Silva (1987) ressalta que não é pela inexistência de informações precisas que o problema deva ser ignorado e que na realidade o que existe é um sentimento camuflado de rejeição contra tudo o que é diferente e que incomoda. Rejeita-se, afasta-se do convívio de um lado, mas procura-se também, de outro, manter algumas organizações que se dedicam ao problema sob os mais variados pretextos. Este Trabalho, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa utilizando-se de um estudo exploratório, cujos dados foram coletados a partir de entrevista com a família de pessoas com osteogênese imperfeita e com os próprios deficientes. Abordou-se a trajetória vivida por deficientes físicos até chegar ao processo de inclusão escolar. Para embasar essa pesquisa, fez-se uso de um referencial bibliográfico de autores que apresentam subsídios para essa discussão e da própria legislação educacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Osteogênese imperfeita. Exclusão Escolar.

1. INTRODUÇÃO

Com a implementação do sistema político democrático no final da década de 80, no Brasil, e o surgimento de movimentos populares, que buscam a participação de todas as pessoas, o sistema educacional vigente passou a ser questionado e no cenário mundial o paradigma da inclusão escolar emerge, requerendo que a sociedade se adapte às pessoas com deficiências (SASSAKI, 1997).

Surgem então, a partir desse momento, leis voltadas aos direitos das pessoas com deficiências que viabilizam atenção quanto ao reconhecimento dos seus

direitos, criação de programas educacionais específicos, oportunidades de vivência em sociedade, valorização dos relacionamentos familiares e cuidados com a saúde (SILVA, 1987).

Desta forma, reconhece-se um progresso nas políticas educacionais em um país marcado pela discriminação, exclusão e segregação escolar e social dos deficientes (COSTA et al., 2014).

E a partir de 2003, documentos do Governo Federal, divulgam a asserção da Educação Escolar Inclusiva provocando reações divergentes na sociedade civil. Onde alguns grupos explicitam a inconsistência do sistema inclusivo e outros grupos defendem essa política educacional (KASSAR, 2011).

Nesses termos, as práticas discriminatórias e de segregação devem ser diminuídas e até mesmo eliminadas, concedendo aos indivíduos, excluídos ao longo da história, oportunidades de aprendizagem para interagir com seus pares e assim construir o conhecimento através das relações sociais (COSTA et al., 2014).

Durante anos, a educação especial constituiu-se um sistema de educação paralelo à educação comum, essa forma de atendimento era considerada adequada para atender os alunos deficientes, entretanto essa concepção ocasionou erros graves na operacionalização de práticas educativas que gerou a exclusão desses alunos, pois não oferecia as condições necessárias de alcançar o sucesso na escola regular (BRASIL, 2007).

Pois, inclusão não é só assegurar que uma pessoa com deficiência acesse um ambiente, mas é proporcionar meios para que participe e se integre no processo ali desenvolvido de modo equitativo (LEITE et al., 2006).

Caso contrário o educando com deficiência está postergado, posto que a exclusão é imperceptível devido às multifacetadas que apresenta, afetando a ordem social (MOREJÓN et al., 2010).

Desse modo, as conjunturas de ingresso dessas pessoas aos recursos pedagógicos, aos ambientes, à comunicação, devem ser organizadas pelos sistemas de ensino de modo que viabilizem a aprendizagem e valorizem as diferenças. Os obstáculos que impedem a acessibilidade devem ser extintos (BRASIL, 2007).

Porque o modelo de escola inclusiva está ainda se constituindo, pois, a proposta ganhou expressividade com os acordos internacionais de Salamanca (1994) e Guatemala (1995) que entre outros benefícios, estendeu o conceito de necessidades educacionais especiais, integrando todos os que ainda não estavam sendo beneficiados com a escola.

Assim, sabe-se que apesar das leis, principalmente das voltadas para inclusão escolar, os princípios relacionados à Educação Especial ainda apresentam contradições que impedem seu avanço, visto que ainda existe uma lacuna entre o que está na lei e o que acontece nas escolas (KASSAR, 2011).

Sobre essa vertente, o transtorno que a pessoa com deficiência se defronta, não se deve pela escassez de leis, inclusive Neri et al. (2003) afirma ser o Brasil, o país que possui as legislações mais avançadas para proteger e apoiar os deficientes, falta realmente aplicabilidade dessas leis, devido as barreiras à integração educacional e social sofridas por eles.

Logo, o desempenho em não segregar as pessoas com deficiência, deve ser prioridade nos planos nacionais de educação, para que o ensino seja de fato para todas as pessoas, posto que proporcionar a interação, ainda o acesso aos recursos da sociedade, constitui-se o cerne da inclusão social. Além disso, é responsabilidade de cada um e ao mesmo tempo de todos, lutar em prol da inclusão social (MACIEL, 2000).

Entretanto, as manchas da educação especial no Brasil, não se referem somente à omissão ao acesso, mas também a ausência de condições para o aluno com deficiência ascendessem sucesso na escola regular. Até quem consegue acessá-la não recebe educação condigna, seja pela carência de recursos ou mesmo pela escassez de profissionais qualificados (SANTOS, 2013).

Além do predomínio de tarefas, abrangendo a segregação escolar, existem comprovações da negligência do poder público, já que, segundo dados do censo há a prevalência de matrículas de alunos com deficiência em instituições filantrópicas e não no sistema público (ZAQUEU, 2012).

Contudo a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), instituem a educação como direito de todos e o atendimento às pessoas com necessidades educacionais específicas (NEE) deve realizar-se “preferencialmente na rede regular de ensino”, responsabilizando-se em oferecer às pessoas com deficiência, atendimento específico.

Porém, por referir-se a complemento e não um substitutivo do ensino, proporcionado na escola comum para todos os alunos, o princípio “preferencialmente” até favorece a escolarização de alunos, com NEE, fora da rede regular de ensino (BATISTA et al., 2006).

Isso demonstra que a legislação, destinada a proteger os direitos de acesso, presença na participação e aprendizado na escola regular, torna-se um instrumento de exclusão e não de inclusão escolar (KEARNEY, 2011).

Também para Sanches (2012) e Kearney (2011), quando se fala de Educação inclusiva, está falando-se em exclusão, e uma razão importante para isso, é a percepção de que a educação inclusiva, só surgiu, como um conceito, porque alguns alunos experimentam uma educação não inclusiva, ou seja, eles experimentam exclusão, tanto da escola quanto na escola.

Diante desse panorama desconcordante para incluir o aluno com deficiência, surgiu a pretensão em investigar dois irmãos com deficiência física decorrente de osteogênese imperfeita (OI), o modo que vivenciaram e vivenciam esse processo de inclusão num sistema educacional excludente.

No Brasil não existe número oficial de acometidos por essa disfunção, todavia associações de pacientes ou outros projetos já calculam esses dados. Em conformidade com a Associação Brasileira de Osteogênese Imperfeita, existem em torno de doze mil pessoas convivendo com osteogênese imperfeita no Brasil (AMARANTE, 2017).

Já nos EUA estima-se um caso para cada vinte ou vinte e cinco mil nascidos, não se levam em conta as formas leves de OI. Em nível mundial são 0,008% da

população afetada por OI, uma média de meio milhão de deficientes (CASTILHO et al, 2008).

Os indivíduos com OI são, no sistema de classificação organizado por Sillence et al (1979), categorizados em quatro tipos, que vai da forma leve até a forma mais grave. Apresentam características clínicas diversas, fraturas múltiplas espontâneas ou por traumas mínimos, deformações ósseas, escleróticas azuis, dentinogênese imperfeita e, surdez condutiva ou mista a partir da puberdade.

As fotos apresentadas a seguir são do homem e da mulher (objetos desta pesquisa), na fase adulta, e demonstram as deformações ósseas.



Foto 1: Deformações ósseas em homem com OI.



Foto 2: Deformações ósseas em mulher com OI

Segundo CHO et al. (2012), com base em fenótipos característicos e achados laboratoriais, a esclera normal, escoliose, excesso de osteóide e lamelas ósseas como escamas de peixe, úmeros e fêmures curtos, coxa vara, foram adicionados mais três tipos de formas de mutações genéticas que variam em gravidade. Mas em 2013, o Ministério da Saúde, Portaria nº 1.306, divulga a inclusão de mais uma variação da fragilidade óssea, somando cinco tipos de OI (BRASIL, 2013).

Por se tratar de doença rara, a falta de informação, de profissionais e da disponibilidade de recursos, trazem ainda mais dificuldades para as famílias, dificultando a forma como os pais se ajustarão a esse processo difícil e doloroso ao receber o diagnóstico e como tratarão o filho (CASE, 2000).

Fornecer informações claras aos pais, para compreender as implicações da OI, seria o mais adequado, amenizaria as implicações emocionais ao ser constatado um filho com deficiência (RUSSELL, 2003).

Desse modo, verificou-se que pessoa com deficiência física é a primeira a ser excluída, pois sua aparência física é logo notada, despertam medo e curiosidade até por parte dos professores, como afirma Sá et al (2006), por não saberem como lidar, como fazer a aproximação e por onde deve começar seu trabalho pedagógico de inclusão escolar.

Muitas vezes os professores adotam a postura, onde veem o aluno como frágil ou supervalorizando-os, mas o diálogo com esses alunos, com as famílias, com a professora do atendimento educacional especializado será de suma importância na superação de uma visão deturpada sobre a deficiência (TOLEDO et al., 2009).

É imprescindível também, que a escola trabalhe dando e recebendo o apoio dos pais, para que eles desempenhem um papel ativo na educação de seus filhos. Além disso, os pais de crianças com OI, repassarão as informações sobre a doença aos professores, para que entendam o aluno, de forma que as restrições ao aluno não sejam mais do que as que realmente são necessárias (RUSSELL, 2003).

O envolvimento da família do educando, ressaltam Hollerweger et al (2014), contribui para o sucesso da inclusão escolar, sinalizando para a escola através sugestões, críticas e solicitações que fornecem, quais os caminhos a serem seguidos.

Como referência para a inclusão da pessoa com deficiência, a família é essencial na mediação com a escola, para que os próprios deficientes se conscientizem que suas limitações são desafios e não dificuldades. Onde eles precisam ultrapassar constantemente as barreiras atitudinais que são impostas ao longo de sua caminhada (NEVES et al., 2015).

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem por objetivo principal identificar os fatores que contribuem para a exclusão escolar de alunos com deficiência física decorrente da osteogênese imperfeita.

2.2. Objetivos Específicos

Através do desenvolvimento do estudo de caso apresentado, percebeu-se a necessidade de apontar objetivos específicos, como:

- Descrever os relatos dos pais sobre os sentimentos despertados diante de um filho com deficiência;
- Analisar a contribuição da relação família e escola no processo de inclusão;

- Sistematizar alternativas pedagógicas para o atendimento de alunos com OI.

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada tem uma abordagem qualitativa, com foco no estudo de caso. Nesse método segundo Gerhardt et al (2009) e Minayo (2001), não interessa a questão numérica, e sim os fatos que não podem ser quantificados. Ela ocupa-se com motivos, valores e fenômenos que não podem ser resumidos em instrumentalização mutáveis.

A amostragem baseou-se na entrevista semiestruturada com quatro adultos, sendo dois com OI, um do sexo masculino, cinquenta e seis anos e outro do sexo feminino, cinquenta anos, e os pais deles.

Autores como Yin (2005) e Fontana et al (1994) afirmam a importância da entrevista, como fonte de informação, nos estudos de caso, pois busca compreender outros seres humanos.

Além disso, conforme Stake (1999), com esse instrumento pode-se perceber diferentes narrativas e visões sobre a realidade de acordo com as declarações das pessoas.

Vale destacar também que as entrevistas semiestruturadas, de acordo com Flick (2004) e Vázquez et Al (2003), tem sido bastante usadas porque têm características diferentes, não tem uma regra pré-estabelecida na formulação das perguntas, permitindo versatilidade para apresentar as demandas no momento mais adequado, à medida das respostas do entrevistado.

A entrevista realizou-se na residência da família Silva, que concordou em participar da pesquisa ao terem conhecimento da finalidade da pesquisa e responderam todas as indagações feitas. A família mora no Amapá, Município de Macapá, capital do Estado. O IBGE (2016) estima que a população deste estado seja de 782.295 pessoas.

Iniciou-se às perguntas para a mãe e em seguida direcionou-se inquirições ao homem e posteriormente a mulher com OI.

A interlocução transcorreu de acordo com os questionários a seguir:

I - Questionário para os pais:

- 1) Quantos filhos a (o) senhor(a) tem?
- 2) Quantos tem OI?
- 3) Quando ele (ela) sofreu a primeira fratura?
- 4) Depois dessa primeira fratura o que aconteceu?
- 5) Qual o diagnóstico dos médicos sobre essa doença?
- 6) Quais os sentimentos surgiram ao saber que seu(sua) filho(a) tem uma doença rara?
- 7) Qual o tratamento ele (ela) recebia nas unidades de saúde quando acontecia uma fratura?

- 8) Qual a idade que eles começaram a estudar?
- 9) Como foi a vida escolar de seu(s) filho(s)?
- 10) Como era a relação dos professores com ele(s)?
- 11) Como era a relação dos outros alunos com ele(s)?
- 12) O(A) senhor(a) sentiu alguma dificuldade em matricular seu(s) filho(s) em algum momento?
- 13) Caso tenha acontecido alguma dificuldade para matrícula: que atitudes foram feitas para solucionar esse problema?
- 14) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

II - Questionário para a pessoa com OI:

- 1) Você pode relatar como e quando aconteciam as fraturas?
- 2) Como é viver tendo OI?
- 3) Quais as maiores dificuldades?
- 4) Até que série você estudou?
- 5) Você frequentava a escola regularmente?
- 6) Como você se relacionava com as outras crianças?
- 7) Você sentiu-se excluído alguma vez na escola?
- 8) Você sentiu-se excluído alguma vez na sociedade?
- 9) Você exerce alguma atividade profissional?
- 10) O que você faz no dia-a-dia agora que já está adulto?

Durante a entrevista, recorreu-se também, a observação livre, quanto à relação família e pessoa com deficiência física, para acrescentar às informações adquiridas. No estudo de caso, o objeto pode ser estudado em seu contexto real, empregando evidências qualitativas e agregando a subjetividade do pesquisador (MEIRINHOS et al., 2010).

As entrevistas foram transcritas na íntegra e em seguida as respostas foram analisadas, com a finalidade de selecionar os fatos pertinentes, aos objetivos deste estudo, apresentados nas falas dos entrevistados.

Após esta etapa, de análise das falas, as narrativas foram organizadas conforme a semelhança dos momentos e que retratam a vivência da família.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões estão ajustados de forma sistemática. Na configuração da pesquisa priorizou-se por assinalar algumas falas dos entrevistados. Nas respostas dadas pelos entrevistados, constatou-se que com relação à entrevista com a mãe todas as perguntas foram respondidas. As questões estavam relacionadas aos sentimentos despertados ao receber o diagnóstico dos filhos, indagando sobre como os médicos repassaram o diagnóstico aos pais (pergunta 5), o tratamento que os filhos receberam (pergunta 7), o início da escolarização dos filhos (pergunta 8) e dificuldade para matrícula e permanência na escola (pergunta

10), relacionamento com professores e colegas de escola. Quanto às explicações dadas às perguntas 3, 4 e 5, no questionário aos pais, foram:

“Os dois tiveram as primeiras fraturas por volta de 1 ano de idade...”
(pergunta 3 – mãe).

“Depois eles começaram ter fraturas mais de uma vez ao ano... Muitas vezes ficavam os dois engessados.” (pergunta 4 – mãe).

“Demorou muito para os médicos dizerem o que ele tinha... Quando ele tinha 7 anos ela nasceu e com 01 ano de idade começou o problema nela...”
(pergunta 5 – mãe).

As perguntas 3, 4 e 5 tratam diretamente da parte histórica, do início e intensificação das fraturas nas crianças e a busca pelo diagnóstico do que estava causando as fraturas espontâneas ou por quedas. Não houve relato de osteogênese imperfeita em ancestrais.

Em relação às perguntas 6 e 7 as respostas obtidas são:

“Foi primeiro angústia até saber o que eles tinham, depois um médico falou que nosso filho viveria até 7 anos de idade, mas confiamos em Deus e eles estão aqui e já nos deram muito orgulho.” (pergunta 6 – mãe).

“Eles só colocavam o gesso e queriam que ficassem internados, então não deixávamos e trazíamos para cuidar dele em casa.” (pergunta 7 – mãe).

As respostas dadas às perguntas 6 e 7 relacionam-se sobre os sentimentos dos pais diante da falta de informações claras, por parte dos médicos, sobre a osteogênese imperfeita. Sabe-se que a OI ainda não tem cura, mas segundo Huber (2007), com tratamento, a base de medicamentos, a qualidade de vida desses deficientes físicos está melhorando.

Perante as perguntas 8, 9, 10, 11, 12 e 13 têm-se os seguintes resultados:

“Ele foi com 11 anos e ela com 9 anos. Eles ficavam muito tempo sem andar e não tinham como ir para escola.” (pergunta 8 – mãe).

“Ele estudou até o 1º ano do Ensino Médio, teve um período que tiveram professora particular em casa. Ela estudou até a 8ª série, mas só conseguiu terminar o fundamental depois de adulta.” (pergunta 9 – mãe).

“Não tivemos problemas em relação aos professores, tratavam bem eles. Também gostavam das professoras.” (pergunta 10 – mãe).

“Tinham amigos, as outras crianças não os discriminavam, principalmente ele sempre foi mais animado, brincalhão. Ela é mais tímida, não tinha muitos amigos.” (pergunta 11 – mãe).

“No período em que moramos no Jari, a diretora não aceitou a matrícula dele, só depois de dois anos que conseguiu matricular ele. Ela não estudou no Jari.” (pergunta 12 – mãe).

“Na época não sabia nossos direitos, então falei com meu irmão pra deixar meu filho morar com ele aqui em Macapá e poder estudar e assim fizemos.” (pergunta 13 – mãe).

As interrogações 8, 9, 10, 11, 12 e 13 versam sobre exclusão escolar, acesso e permanência na escola, a relação professor aluno, relação com seus pares.

Após a entrevista com a mãe, iniciou-se a entrevista com o homem e com a mulher com OI com perguntas sobre os desafios frente à exclusão escolar e social, conscientização sobre como é conviver com uma doença rara, como viveram o período em que frequentavam a escola. Todas as perguntas obtiveram respostas que se assemelham a entre sim.

As respostas das perguntas 1, 2 e 3 do questionário II revelam a colocação em relação aos desafios de quem tem OI e que decorre a diante deficiência física que limita a mobilidade destas pessoas:

“Uma vez na escola fui mudar minha carteira de lugar e me quebrei. Era dia de prova e nem fiz. Eu cheguei conferir até 20 quebras, mas depois parei de contar.” (pergunta 1 – Homem OI).

“Eu me lembro, uma vez no Jari que a eu levei um susto porque a panela de pressão da vizinha explodiu e na hora fracturei perna e braço.” (pergunta 1 – Mulher OI).

Frente às perguntas 4, 5, 6 e 7 sobre como acontece as fraturas, como é viver com OI e as dificuldades enfrentadas, as pareceram essas respostas:

“Eu estudei até o 1º ano do Ensino Médio, depois não conseguir passar de série e parei de estudar.” (pergunta 4 – Homem OI).

“Eu estudei primeiro até a 2ª série e quando fiquei adulta concluir o ensino fundamental” (pergunta 4 – Mulher OI).

“Eu fui pra escola com uns 10 anos, só faltava porque me quebrava, mas quando eu ficava bom eu voltava. Teve um tempo que a escola do Jari não me aceitou e vim morar com meu tio para poder estudar.” (pergunta 5 – Homem OI).

“Só comecei a estudar com uns 9 anos, mas como estava sempre com gesso não conseguir estudar mais, só depois de adulta fui pra escola de novo.” (pergunta 5 – Mulher OI).

“... eu brincava, estudava e na época do ensino médio eu até fugia da escola com amigo.” (pergunta 6 – Homem OI).

“Eu me lembro que as pessoas pensam, que porque sou pequena, não sei ler ou escrever e quando descobrem o que sei, elas me tratam melhor. Fiz bons amigos na escola.” (pergunta 6 – Mulher OI).

“Só no Jari quando não deixaram minha mãe me matricular. Tive que morar com um tio para estudar, e só depois de dois anos, eu pude voltar para o Jari e estudar.” (pergunta 7 – Homem OI).

“Na escola que estudei, depois de adulta, tinha muitas dificuldades de acesso e minha família vivia pedindo providências e pouca coisa melhorou.” (pergunta 7 – Mulher OI).

Verificam-se pelas respostas dadas, pelas duas pessoas com OI no questionário II, às indagações 8, 9, 10, que tratam de como se sentem diante da sociedade e atividades que exercem, que mesmo diante das manifestações típicas, fragilidade óssea, dificuldade ou limitações de locomoção e deformidades nos membros superiores e inferiores, eles aspiraram e empenharam-se para frequentar uma instituição educacional regular.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho adveio de um estudo de caso e apresentou, identificou e analisou os principais fatores que favoreceram a exclusão escolar de pessoas com deficiência. Averiguou-se o impacto do diagnóstico nos pais e como lidam com estes filhos.

Os resultados demonstram que a responsabilidade dos pais frente às necessidades de filho com OI é uma evolução penosa, visto que as incumbências cotidianas de manipulação e zelo precisam considerar os limites e inviabilidades deles, gerando inclusive influência emocional nos pais, esperançosa ou de abstenção, duradoura ou efêmera (OLIVEIRA et al., 2015).

Para Espíndola (2009), compreender a experiência da família no cuidado da criança com anomalia, congênita e rara, é uma vivência profunda e magnificente, alternada por momentos de dor, mas também de muita garra e luta.

Os pais lutam principalmente para que o filho seja incluído na escola de ensino regular com qualidade e em função disso, a inclusão acarreta uma transformação na ótica educacional, pois não alcança unicamente educando com deficiência, mas todos os outros, para que alcance sucesso na educação atual (MANTOAN, 1999).

De acordo ainda com Espíndola (2009), as concepções referentes à Educação Especial até então, permanecem contraditórias, dificultando o progresso da inclusão, sendo necessário transcender outros obstáculos, gerados principalmente pela escassez de informações, e assim superar-se-á limites e conseguirá novos lugares neste país exprimido “para todos”.

Desse modo, refletir sobre a educação e suas transformações exige um novo olhar sobre as práticas e preceitos construídos socialmente (MACHADO et al., 2012).

Como reflexão de ideal de igualdade a Declaração de Salamanca frisa que o grande desafio da escola inclusiva é educar todas as crianças, sem distinção, transformando atitudes discriminatórias em grupos acolhedores e inclusivos (UNESCO, 1994).

Diante do que foi analisado, Oliveira (2015) destaca que, é significativo buscar os meios legais que garantam o desenvolvimento pleno do potencial da pessoa com deficiência.

REFERENCIAS

AMARANTE, S. **Osteogênese imperfeita: cuidados com o paciente**. Portal Fiocruz. Disponível em: < <http://amazonia.fiocruz.br/index.php/2017/04/17/osteogenese-imperfeita-tecnicas-do-cuidado-com-o-paciente>>. Acessado em 20 de agosto de 2017.

BATISTA, C. A. M.; MANTOAN, M. T. E. **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. **Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto N° 3.956. **Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência**. Guatemala, 2001.

BRASIL. Lei n°. 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n° 1.306. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas: Osteogênese Imperfeita**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

CASE, S. **Refocusing on the Parent: What are the social issues of concern for parents of disabled children?** Disability & Society. n° 2, v. 15, p. 271-292, 2000.

CASTILLO, H.; SAMSON, F.L. **Effects of Biphosphonates in children with osteogenesis Imperfecta: an AACPDm systematic review**. Dev. Med. Child. Neurol. v. 51, p. 17-29, 2008.

CHO, T. J. **A single recurrent mutation in the 50-UTR of IFITM5 causes osteogenesis imperfecta Type V**. The American Journal of Human Genetics. v. 91, p. 343-348, 2012.

COSTA JR, A. G.; COSTA, C. E. M. **A educação para pessoas com deficiência no Brasil: histórico e conceitos**. In: ATLANTE. Cuadernos de Educación y Desarrollo, 2014.

ESPÍNDOLA, Y.X. **Educação Especial: desafios em busca da inclusão.** Revista Espaço Acadêmico – nº 1000, 2009.

FLICK, U. **Introducción a la Investigación Cualitativa.** Madrid: Morata S. L., 2004.

FONTANA, A.; FREY, J. H. **Interviewing: the art of science.** In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Handbook of qualitative research. Newsbury Park: Sage, p. 361-376, 1994.

GERHARD, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HOLLERWEGER, S; CATARINA, M. B. S. **A Importância da família na aprendizagem da criança especial.** Revista de Educação Ideau. nº 19, v. 9, 2014.

HUBER, M. A. **Osteogenesis imperfecta.** Oral Surg Oral Med Oral Pathol Oral Radiol Endod. nº 3, v. 103, p.314-20, 2007.

IBGE. Estimativas populacionais dos municípios. IBGE, 2016.

KASSAR, M.C.M. **Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva.** Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v.17, p. 41-58, 2011.

KEARNEY, A. **Exclusion from and within school: issues and solutions.** In: Studies in Inclusive Education. Sense Publishers. v. 14, 2011.

LEITE, M. R. S. D. T.; SILVA, G. R. **Inclusão da pessoa com deficiência visual nas instituições de educação superior de Belo Horizonte.** In: 30º Encontro da ANPAD, 2006.

MACHADO, J.P.; PAN, M.A.G.S. **Do nada ao tudo: políticas públicas e a educação especial brasileira.** Educação & Realidade. Porto Alegre, nº 1, v. 37, p. 273-294, 2012.

MACIEL, M. R. C. **Portadores de Deficiência: A questão da inclusão social.** São Paulo em Perspectiva. v. 14, nº 2, p. 51-56, 2000.

MANTOAN, M. T. E. **Teachers'education for inclusive teaching: refinement of institutional actions.** In Revue francophone de la déficience intellectuelle. Canadá, p. 52-54, 1999.

MEIRINHOS, M.; OSÓRIO, A. **The case study as research strategy in education.** EduSer Revista de Educação. nº 2, v. 2, p. 49-65, 2010.

MINAYO, M. C. **Estrutura e sujeito, o determinismo e o papel histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva.** *Ciência & Saúde Coletiva*. p. 7-19, 2001.

MOREJÓN, K; GARCIA, L. R. **A Inclusão de pessoas com deficiência no Ensino Superior Público do Estado do Rio Grande do Sul/RS/Brasil.** Congresso Iberoamericano de Educación, 2010.

NERI, M. et al. **Retratos da deficiência no Brasil.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2003.

NEVES-SILVA, P.; PRAIS, F. G.; SILVEIRA, A. M. **The inclusion of disabled persons in the labor market in Belo Horizonte, Brazil: scenario and perspective.** *Ciência & Saúde Coletiva*. nº 8, v. 20, p. 2549-2558, 2015.

OLIVEIRA, I.G.; POLETTI, M. **Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência.** SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. *Revista da SPAGESP*. nº 2, v. 16, p. 102-119, 2015.

RUSSELL, F. **The expectations of parents of disabled children.** *British Journal of Special Education*. nº 3, v. 30, p. 144-159, 2003.

SÁ S. M. P; RABINOVICH E. P. **Compreendendo a família da criança com deficiência física.** *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. nº 1, v. 16, p. 68-84, 2006.

SANCHES, I. **Do 'aprender para fazer' ao 'aprender fazendo': as práticas de Educação inclusiva na escola.** *Revista Lusófona de Educação*. nº 19, v. 19, p. 135-156, 2012.

SANTOS, M. P. **Formação de professores para atuação na Educação Especial: desafios profissionais para a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais nos espaços regulares de ensino.** *In: VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial*. p. 983-992, 2013.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILLENCE, D. O; SENN A; DANKS D. M. **Genetic heterogeneity in osteogenesis imperfecta.** *J Med Genet*. nº 10, v.16, p. 101-116, 1979.

SILVA, L. M. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência.** *Revista Brasileira de Educação*. nº 33, v. 11, p. 424-561, 2006.

SILVA, O. M. *A Epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. Centro São Camilo de Desenvolvimento em Administração da Saúde, 1987.

STAKE, R. E. *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata, 1999.

TOLEDO, E. H.; MARTINS, J. B. *A atuação do professor diante do processo de inclusão e as contribuições de Vygotsky*. In: Congresso Nacional de Educação. v. 3, p. 4126-4138, 2009.

UNESCO. *Declaração de Salamanca: sobre Princípios, Política e Práticas em Educação Especial*. Salamanca, Espanha, 1994.

VÁSQUEZ, R. R.; ANGULO, R. F. *Introducción a los estudios de casos: los primeros contactos con la investigación etnográfica*. Málaga: Aljibe, 2003.

YIN, R. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAQUEU, L. C. C. *Política educacional inclusiva*. São Luís: UFMA / NEaD, 2012.

ABSTRACT: The motor limitations of physically handicapped persons due to imperfect osteogenesis, a rare chronic disease, characterized by frequent fractures of bones that are often spontaneous, compromising the mobility and autonomy of the people, cannot be a hindrance to the full development of learning capacity. For Silva (2006), the school can no longer conceive that the fear of not knowing how to deal with disabled students is a discourse of contemporaneity, this is an outdated and unacceptable conception, mainly because there are legal devices to ensure that these people have access to quality education. In addition, Silva (1987) points out that it is not because of the lack of precise information that the problem should be ignored and that in reality what exists is a camouflaged feeling of rejection against everything that is different and uncomfortable. It rejects itself, it withdraws from the conviviality on the one hand, but on the other, it also seeks to maintain some organizations that deal with the problem under the most varied pretexts. This study is a qualitative research using an exploratory study, whose data were collected from an interview with the family of people with osteogenesis imperfecta and with the disabled themselves. The trajectory experienced by physically handicapped people was approached until reaching the process of school inclusion. To support this research, we used a bibliographical reference of authors that present subsidies for this discussion and of the Brazilian educational legislation itself.

KEYWORDS: Special Education. Osteogenesis imperfecta. School Exclusion.

Sobre os autores:

Adriana de Andrade Gaião e Barbosa Professora da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicopedagogia. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Transtornos do Desenvolvimento, Aprendizagem e Comportamento/NESMEP/UFPB. E-mail para contato: adrianagaiao@uol.com.br

Agerdânio Andrade de Souza Revisor de texto Braille do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amapá. Graduado em Química com atribuição em licenciatura e Física pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/RO); Mestrado em Química pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Integrante do Laboratório de Desenvolvimento de Instrumentação e Automação Analítica (Grupo DIA), cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq; E-mail para contato: as.ac@hotmail.com

Aline Oliveira Costa Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com o projeto: Política Educacional, parcerias público-privado e redes governança: reflexões a partir de redes de ensino de Campina Grande – PB. E-mail: alineoliveiracosta10@gmail.com

Amanda Damasceno de Macêdo Bacharel em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA; Especialista em Oncologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA; Especialista em Regulação em Saúde no SUS, pelo Instituto Sírio Libanês. E-mail: amandamacedo190@gmail.com

Amanda Pereira Soares Lima Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); E-mail para contato: amandapslima@yahoo.com.br.

Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus Caxias. Mestre em Ciências da Educação pela *Universidad San Lorenzo*-América Latina. Professora da rede municipal e estadual de ensino. E-mail: anacelia2814@hotmail.com

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos Graduação em Estudos Sociais pela Universidade Estadual da Paraíba e graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Ana Paula Soares Loureiro Rodrigues Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Ana'mélia Damasceno de Macêdo Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: macedo.anamelia@gmail.com

Anderson Felipe Pereira da Silva Estudante de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco.

Andreia Gomes da Cruz Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA); Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES) da UFF, atuando na linha de pesquisa políticas de educação superior. Bolsista Pesquisa Produtividade da UNESA (2017-2018); E-mail: <andreigomes25@yahoo.com.br>

Andrezza Damasceno de Macêdo Graduada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Bolsista de Iniciação à Docência – PIBID/CAPE. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/IFMA. Pós-graduanda em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Pós-graduanda em Libras e Práticas pedagógicas aplicadas à educação bilíngue de surdos pela Fundação Sôsândrade – FSADU. Professora coordenadora do Farol do Saber Gov. Eugênio Barros, Caxias–MA. E-mail: andrezza_damasceno@hotmail.com

Anyla Laise Santos Especialização em ENSINO DE MATEMÁTICA. Universidade Candido Mendes, UCAM, Rio De Janeiro, Brasil; Graduação em Licenciatura em Matemática. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil

Blenda Carine Dantas de Medeiros Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2016/09622-2). E-mail: blenda_carine@hotmail.com.

Bruna Caroline Pessoa Guimarães Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/3258281075492716>; Email: bruna.unicap@gmail.com; Graduanda em Fisioterapia – UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Voluntária do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Carla Estefani Batista Graduação em Química – Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR/PR); Mestrado em Química pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Doutoranda em Clima e Ambiente pelo

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia / Universidade do Estado do Amazonas (INPA/UEA/AM). E-mail para contato: Estefani@hotmail.com

Carla Montefusco de Oliveira Professora adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestrado em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);

Carlos Augusto Batista Sena Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Graduação em Ciências Biológicas em andamento pela Universidade Federal de Pernambuco. Artigos publicados na área de TICs, Metodologias inovadoras de Ensino e Educação Inclusiva. Inglês e espanhol intermediários. Capacidade de liderança e trabalho em equipe. E-mail para contato: carlos_augusto_sena@hotmail.com

Cíntia Valéria da Conceição Graduanda em Licenciatura em Química. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES. E-mail: pj.cintiavaleria@hotmail.com

Cristiane do Nascimento Martins Gestora escolar no município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialização em Educação Especial pela Universidade Cristo Rei; Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (6º período); E-mail para contato: cristiane-2505@hotmail.com.

Daniele Gruska Benevides Prata Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - Licenciatura / Bacharelado (2002; 2003), graduação em Enfermagem pela Universidade de Fortaleza (2013), Especialização em Terapias Tradicionais Chinesas pela Universidade Estadual do Ceará (2006), Mestrado em Administração pela Universidade de Fortaleza (2011) onde foi bolsista da CAPES. Tem experiência em Psicologia Organizacional, Estudos sobre Gênero e Educação, Psicologia Clínica, Psicologia Comunitária, Avaliação / Psicodiagnóstico, Ações Sustentáveis, Gestão de Resíduos de Serviços de Saúde e Prática Docente. Atua como Enfermeira Assistencial Concursada na Clínica Cirúrgica do Complexo Hospitalar da UFC - Hospital Universitário Walter Cantídio. daniele.gruska@uece.br

Déborah Kallyne Santos da Silva Psicopedagoga no Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba; Graduanda em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba; E-mail para contato: kall.id@hotmail.com.

Edileine Vieira Machado Professora do Centro Universitário CESMAC/Maceió-AL; Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis-SP; Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE/São Paulo-SP; Mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo – FFLCH-USP/São Paulo-SP; Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo – FE-USP/São Paulo-SP; Pós-doutorado em Fenomenologia pelo *Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche - CIRF / Roma-Itália*. E-mail para contato: edileinemachado@gmail.com

Elyza Matutynna De Queiroz Santos Graduada em Licenciatura plena em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pós-Graduada do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Fátima Elisabeth Denari Professor da Universidade Federal de São Carlos; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos e membro colaborador do Programa de Mestrado em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Araraquara (FCLAR/UNESP); Graduação em Estudos Sociais, Asser/UNICEP/São Carlos/SP; Mestrado em Educação Especial, UFSCar ; Doutorado em Educação (Metodologia do Ensino), UFSCar; Pós Doutorado em Educação Sexual, NUSEX/FCLar/UNESP; Grupo de pesquisa: Géfyra – líder - (UFSCAr) e NUSEX – membro - (FCLAr/UNESP; E-mail para contato: fadenari@terra.com.br

Fernanda Caroline Pereira Silva Graduada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. E-mail: fernandacarolline10@gmail.com

Fernando Rodrigues Tavares Professor da Educação Básica; Graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade Dirson Maciel de Barros – FADIMAB; Graduação em Pedagogia pela ALFAMÉRICA; Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Grendal; E-mail: fer-t9@hotmail.com

José Dayvid Ferreira da Silva Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco. Mestre em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Graduando do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

José Jefferson da Silva Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE/CAA. Professor Efetivo de Matemática da Rede Estadual de Pernambuco. Atuou como professor substituto da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste, Núcleo de Formação Docente, nas graduações: Matemática - Licenciatura, Química - Licenciatura e Física - Licenciatura, ministrando disciplinas de Educação de Matemática, Matemática do

Ensino Superior, e Matemática da Educação Básica. Licenciado em Matemática pela UFPE/CAA. Licenciado em Matemática (UFPE-CAA). Participou de Intercâmbio no curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra - FCT/UC, financiado pelo CNPq. Tem interesse em diversas áreas de estudo como a área Educação Especial numa perspectiva Inclusiva, Educação Matemática, Metodologia do Ensino da Matemática, Educação Estatística.

José Kasio Barbosa da Silva Graduando do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Foi bolsista de monitoria em disciplinas de Psicologia nos Cursos de Pedagogia e Química da FACEDI/UECE. Também Bolsista do projeto de extensão universitária “Cine Itinerante”, uma leitura do mundo por meio do cinema. Além integrar como estudante o Grupo de Estudo Sobre Heteronormatividades nas Escolas – GEHE, no qual se discutiram questões de gênero e sexualidade e outras que atravessam esses marcadores. Tem interesse em pesquisas nas temáticas relativas à Educação, Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos, já tendo apresentado e publicado pesquisas nestes eixos. jose.kasio@aluno.uece.br

José Rafael Moura Silva Graduado no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Focou sua monografia para a compreensão histórica da Educação de Surdos.

Joselito Santos Professor das Faculdades Integradas de Patos e da FACISA. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia das FIP; Graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Juliana Brito Cavalcante Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2008). Especialista em Saúde Pública(2012) e Gestão de Urgências e Emergências(2013). Mestrado em Saúde Coletiva- UNIFOR(2016). Doutoranda em Psicologia- UNIFOR(2017). Atualmente é professora da Universidade Estadual do Ceará- UECE e dos Cursos de Especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar E Psicologia Hospitalar. Tem experiência profissional na área da docência, saúde e assistência social, atuando principalmente nas áreas: Psicologia Organizacional e do Trabalho, Gestão e Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento. juliana_brito_psicologia@hotmail.com

Juliana da Silva Pereira Graduada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC, pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Maranhão – FAPEMA e pelo IFMA. E-mail: julianapereira.quim@gmail.com

Karolina Lima dos Santos Araújo Licencianda do Curso de Licenciatura em Matemática no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Monitora da mesma Universidade na disciplina de Estatística (2015.2).

Foi Integrante do Projeto de Extensão intitulado Sherlock Holmes na Matemática, em 2015. Atual desde 2016 como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFPE) promovido pela CAPES.

Katheley Wesllayny da Silva Santos Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- CE; Pós-graduação Lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gestão Educacional pela Faculdade Europeia de Administração e Marketing- PE. Bolsista discente no PET Parasitologia- UFPE; E-mail para contato: katheleywesllayny@hotmail.com

Keilla Rebeka Simões de Oliveira Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em andamento em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa Linguagem Leitura e Letramento (GEPELLL);E-mail para contato: keilla.rso@gmail.com.

Layanna de Almeida Gomes Bastos Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Lourhan Oliveira Chaves Graduado em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Participou do grupo de pesquisa de fotocatalise. E-mail: lourhanoliveira@hotmail.com

Luanna Raquel Gomes Macedo Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. Técnica em Manutenção e Suporte em Informática, pelo Instituto Federal da Paraíba. E-mail: luanna_raquel_@hotmail.com

Luciana Velloso Professora Adjunta no Departamento de Ciências Sociais e Educação (DCSE) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ); Mestrado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ); Doutorado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ); Grupo de pesquisa: Pesquisadora integrante do grupo “Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura”;E-mail para contato: lucianavss@gmail.com

Luis Gustavo Guerreiro Moreira guguerreiro@gamil.com; Aluno do curso de Doutorado em Políticas Públicas na Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Sociologia e bacharel em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal do Ceará. Ocupa atualmente o cargo de indigenista especializado na Fundação Nacional do Índio - Funai. Tem experiência em docência na área de Ciência Política e

Sociologia dos cursos de graduação da Universidade Aberta do Brasil UAB pela Universidade Federal do Ceará. Dedicar-se a estudos na área de Sociologia Política, com ênfase em teoria das nacionalidades, em estudos estratégicos e política indigenista. Atua como pesquisador do Observatório das Nacionalidades e como editor executivo do periódico científico Tensões Mundiais. Também é pesquisador filiado à Associação Brasileira de Estudos da Defesa – ABED

Luiz Ferreira de Oliveira Junior Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Aperfeiçoamento em Docência na Escola de Tempo Integral pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pós-Graduando do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Márcia Rejane Almeida de Carvalho, pedagoga pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, Pós graduada em Psicologia da Educação pela UFPE e Especialista em Práticas Pedagógicas pela FUNESO, mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Lisboa e doutoranda pela Universidade Nova Lisboa – Portugal com a especialização em formação e supervisão de professores. Sou funcionária pública do estado de Pernambuco e trabalho com formação de professores na expectativa de inclusão na rede privada de Olinda. E-mail: marciacsh1@hotmail.com

Marcos Andrade Alves dos Santos Aluno da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola na Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduado no curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Anhanguera – UNIDERP (2015). Graduando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Possui experiência em pesquisas sobre Gênero, Sexualidade, Direitos Humanos e Educação e na construção e Desenvolvimento de Políticas Públicas. Atua como Secretário da Associação da Diversidade de Itapipoca (ADI) e como Agente Administrativo concursado na Prefeitura Municipal de Trairi. Também é pesquisador do Grupo de Estudos do Programa de Pós Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. marcos.andrade@aluno.uece.br

Marcus Bessa de Menezes Professor da Universidade federal de Campina Grande – UFCG; Graduação em Licenciatura em matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Pós Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Complutense de Madrid; Grupo de pesquisa: Fenômenos Didáticos; E-mail para contato: marcusbessa@gmail.com

Maria Elena da Cruz Graduada em Licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira na Bahia. Especialista em Projeção pelo Instituto Federal de Pernambuco. Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Maria Fernanda Sanchez Maturana Graduação em Turismo pela Universidade Estadual Paulista; Mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista; E-mail para contato: ma.fersanchez@hotmail.com

Marly Santos da Silva Coordenadora Pedagógica do Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestre em Práticas de Educação pela Universidade Unigrendal; Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Unigrendal; E-mail para contato: santosmarlyprof@gmail.com

Monalisa Silva Melo Licencianda em Matemática no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (2013). Atualmente leciona na empresa Instituto Olavo Bilac na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, nas Séries Finais do Ensino Fundamental

Nathalia Rodrigues Araújo Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. E-mail: nathipx19@gmail.com

Nubia Xavier da Silva Professor da Universidade Paulista; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/AP). E-mail para contato: nubiareivax@hotmail.com

Oberdan José Teixeira Chaves Professor do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual. Graduação em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (UEPA/PA); E-mail para contato:

Osias Raimundo da Silva Junior Graduação em andamento em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui participação e trabalhos publicados em eventos científicos; fiz parte dos projetos de pesquisa GENTE e METODOLOGIAS ATIVAS e INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS (2016); também atuei no projeto de extensão PROI-DIGIT@L: Espaço de criação para inclusão digital; ministrei oficinas sobre como aplicar a ferramenta Design Thinking na sala de aula e o MOBILE LEARNING como metodologia ativa no ENSINO DE BIOLOGIA. Atualmente, faço parte do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). E-mail para contato: Juniorsilvapi@hotmail.com

Patrícia Teixeira de Matos Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE; Email: patricia.teixeira@aluno.uece.br

Pedro Thiago Chagas de Souza Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/5529680851124800> Graduando em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Pernambuco –UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Email: pedrothiiagomih@gmail.com; Bolsista Pibid na Unicap e Voluntário do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Polliana Barboza da Silva Supervisora Escolar e Professora da Educação Básica; Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; E-mail: pollianabarboza@hotmail.com

Pollyana Souto da Silva Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/9533357039273988>; Email: polyssouto@gmail.com. Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Voluntária do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa Graduação em Geografia pela Universidade Regional do Cariri-URCA; Especialização em Ensino de Geografia pela Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN; Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará-UFC; Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE; Email: aurilia_sousa@yahoo.com

Rebeka Rayane Araujo de Lima Graduação em andamento em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui participação e trabalhos publicados em eventos científicos. Tenho capacidade e experiência de trabalhar em equipe. Atualmente, faço parte do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico) da UFPE. E-mail para contato: rebekarayane24@gmail.com

Renan Belém da Silva Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Atualmente obtendo experiência na área ecotoxicologia, estagiando no LABORATÓRIO DE CULTIVO DE MEIOFAUNA MARINHA E ESTUARINA (LACIMME) e Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico); Integrou, no ano de 2016, os projetos de pesquisa GENTE; METODOLOGIAS ATIVAS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS e PROI-DIGIT@L: Espaço de criação para inclusão digital, ministrando oficinas sobre a metodologia ativa SALA DE AULA INVERTIDA; MOBILE LEARNING NO ENSINO DE BIOLOGIA e DESIGN THINKING. E-mail para contato: renanbs14@gmail.com

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira Professor da Universidade Federal de Pernambuco; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda; Mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa Linguagem Leitura e Letramento (GEPELLL); E-mail para contato: tandaa@terra.com.br

Sônia Helena Costa Galvão de Lima Professora e Coordenadora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário CESMAC/Maceió-AL; Graduação

em Psicologia pelo Centro Universitário CESMAC; Mestrado em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – Unicid/São Paulo-SP; E-mail para contato: sonia.lima@cesmac.edu.br

Tânia Maria de Oliveira Nery Professora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: /CTCH (Centro de Teologia e Ciências Humanas). Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/0716202039562465>; Email: tmnery@gmail.com; Coordenadora do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte).

Tatiana Cristina Vasconcelos Professora da Universidade Estadual da Paraíba e das Faculdades Integradas de Patos. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia das FIP; Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; E-mail: vasconcelostc@yahoo.com.br

Thiago Matias de Sousa Araújo Professor substituto do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Direito e em Pedagogia pela UFRN. Mestre em Educação pela UFRN. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Vinculado ao grupo de Pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil: HISTEDBR/UFSCar”. E-mail: thiogomatiass.a@hotmail.com.

Vagner Sérgio Custódio Professor da Universidade Estadual Paulista; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista; Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista; Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas; Grupo de pesquisa: Nutex, Cpides e Gepter; E-mail para contato: vagner@rosana.unesp.br

Vanessa Cristina Sossai Camilo Graduação em Pedagogia pela Faculdade Integrada Soares de Oliveira e Graduação em Enfermagem pela Universidade de Marília; Mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista; Grupo de pesquisa: Gepife; E-mail para contato: vcsossai@hotmail.com

Vanessa Lays Oliveira dos Santos Graduação em Matemática pela Universidade de Campina Grande UFCG; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Grupo de pesquisa: LEEMAT – Leitura e Escrita em Educação Matemática- UEPB; E-mail para contato: vanessa.lays@gmail.com

Veralucia de Lima Silva Psicóloga no Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação; Graduação em Licenciatura em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa; Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba; E-mail para contato: veralimapb@gmail.com.

Vycttor Mateus de Melo Alves da Silva cursando 5º período de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Técnico em Química Industrial pelo Instituto Federal de Pernambuco. Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico) da UFPE. Possui experiência na área de ensino de Bioquímica Aplicada após atuação no Laboratório de Aulas Práticas do Departamento de Bioquímica da UFPE (DBioq). Atualmente participa do PIBID Biologia, o qual participa desde 2017. E-mail para contato: vycttormateus1@gmail.com

Wuallison Firmino dos Santos Coordenador pedagógico de matemática do Colégio Municipal Monsenhor Stanislaw em Olivedos; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Graduação em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; E-mail para contato: wuallison13@hotmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-77-6

